

ATÉ O FIM DO MANDATO, FHC É UM "PRESIDENTE DE ENTRESSAFRA"

ENTREVISTA
a Paulo Silva Pinto
Da equipe do Correio

As aulas de português na Universidade de Harvard eram às 11h e as de espanhol, às 8h. Optando por acordar mais tarde, o jovem historiador norte-americano Thomas Skidmore se tornou um brasileiro. Em 1960, aos 28 anos, ele havia acabado seu doutoramento sobre a Alemanha e recebeu uma bolsa para estudar por três anos a América Latina. Com os riscos da influência de Fidel Castro no continente, a universidade decidiu incrementar os estudos sobre a região ao Sul da fronteira americana com o México. Depois de 37 anos, ele é considerado o melhor especialista em Brasil nos Estados Unidos (existem cerca de 200), com uma impressão bem-humorada e intranquila do país. Considera "inflada" a importância dos sem-terra. Elogia o Plano Real, mas acha Fernando Henrique Cardoso um "presidente de entressafra", de pouca expressão, e Lula uma cria dos militares. É o que afirmou ao Correio, na semana passada, quando esteve em Brasília.

Thomas Skidmore

Zuleika de Souza



Skidmore: "Quando Fernando Henrique aceitou ser ministro da Fazenda, eu achei que ele era um louco, mas o fato é que o Real é um plano inteligente"

Correio — O Brasil é muito diferente dos outros países da América Latina?
Skidmore — Acho que a herança portuguesa é menos cruel do que a espanhola. O Brasil tinha violência também, mas a marca da história brasileira era a negociação em vez da guerra. O Brasil nunca teve uma revolução autêntica, em comparação com o México. Nunca teve uma divisão tão profunda quanto a Argentina, entre peronistas e não-peronistas. O Brasil é o país da negociação. Isso explica a capacidade que a elite tem de absorver os protestos, muitas vezes sem fazer concessões. A consequência disso é que o Brasil tem a pior distribuição de renda do mundo.
Correio — O povo é mais passivo?
Skidmore — Isso é perigoso de dizer, mas parece. Eu não sei se é a passividade do povo ou a capacidade da elite de manipular. Mas agora temos um novo momento. O Brasil está vivendo a democracia de massas. A elite está tentando controlar. Mas ninguém sabe. A grande incógnita no momento é a reação do povo.
Correio — Qual foi o pior governo que o Brasil teve?
Skidmore — dizer o menos feliz: o do Collor. Quando fui convidado para conhecê-lo na embaixada do Brasil em Washington, eu avisei que era melhor esperar o próximo presidente. Quando o presidente começa a aparecer na televisão e mentir... É exatamente o que aconteceu com o Richard Nixon. Ele achava que era capaz de iludir.
Correio — Mas o Collor iniciou as privatizações, o que é defendido hoje como modernização.
Skidmore — Isso é verdade, mas ele descreditou essas medidas. Deu oportunidade à oposição de dizer que as privatizações não eram boas para o Brasil. A falta de honestidade do presidente criou problemas para o governo dele.
Correio — O senhor acha que as privatizações teriam andado com mais velocidade se não tivessem sido iniciadas por Collor?
Skidmore — É a minha opinião.
Correio — E o governo atual, tem credibilidade para privatizar?
Skidmore — Eles conseguiram pri-

vatizar a Vale, a maior empresa.
Correio — Não foi fácil.
Skidmore — Mas conseguimos. É uma luta. E o Brasil ainda tem essa mentalidade de que o que é estatal é melhor. E é uma democracia, não é como o Chile no período militar. O Brasil está tentando fazer a transição com uma sociedade aberta.
Correio — Há suspeitas de envolvimento do primeiro escalão na compra de votos. O que o senhor acha disso?
Skidmore — Ainda tem que ser provado.
Correio — Esse governo é diferente dos outros? Há quem diga, e não é só a oposição, que ele serve mais à elite econômica, que sempre esteve no poder.
Skidmore — Em 1994 houve uma crise muito grande no Brasil. Ninguém achava que era possível estabilizar a economia brasileira. Todas as forças políticas da época eram contra qualquer plano. Quando Fernando Henrique aceitou ser ministro da Fazenda, eu achei que ele era um louco. O fato é que o Real foi o plano de estabilização econômica da América Latina mais inteligente que eu vi desde 1945. Minha interpretação é a seguinte: até o fim do mandato atual, o Fernando Henrique vai ser o presidente da estabilização. Um presidente de entressafra. A frase é do Castelo Branco. Você não pode ganhar popularidade com isso. Ele está com idéia de, no segundo mandato, lançar um programa social. Quem vai entrar para a história não é o Fernando Henrique Cardoso. É o Plano Real.
Correio — O Fernando Henrique não terá uma marca própria sem um segundo mandato?
Skidmore — Ele entrará para a história como um Castelo Branco. A cura do Fernando Henrique da economia é a cura da estabilização. Não é sexy. O problema do Brasil é fazer uma outra política. Você tem o problema social, a distribuição de renda. O atraso do Brasil é a educação. A infra-estrutura também precisa ser mudada.
Correio — Isso é impossível agora?
Skidmore — Em um ano? De onde vem o dinheiro?
Correio — O que indica que no futuro haverá dinheiro?
Skidmore — O Gustavo Franco fala para ter paciência. Em alguns anos, a economia vai voltar a crescer. E com o crescimento da economia você vai ter mais grana.
Correio — O Rudiger Dornbusch (economista norte-americano) diz que o Brasil deveria abrir mão de um pouquinho de estabilidade para ter mais crescimento. O que o senhor acha disso?
Skidmore — Eu estou de acordo com ele. Mas o Dornbusch diz tanta bobagem sobre o Brasil... Ele louvava o modelo mexicano logo antes do colapso do sistema. Eu acho que o Brasil precisa de um crescimento maior, não sei se agora, para reduzir a misé-

ria. Pelo menos 6% ou 7%. Este ano será de 3% provavelmente.
Correio — O Fernando Henrique consegue ganhar eleição assim?
Skidmore — Pode ser, porque há um vácuo político muito grande.
Correio — Paulo Maluf, com a imagem de tocador de obras, não representa uma ameaça a ele?
Skidmore — Paulo Maluf tem a maior taxa de rejeição do Brasil. O problema dele sempre foi a falta de apelo fora de São Paulo. O PFL vai ser mobilizado contra ele. Não quero ser futurólogo. Sou historiador, profeta do passado. Maluf é uma possibilidade. Mas e da esquerda? E do centro?
Correio — O governo Fernando Henrique tem algo de inovador?
Skidmore — Sim, várias coisas. Primeiro, a tentativa do governo de reconhecer a dívida com as vítimas das famílias da tortura militar. Uma coisa que não foi feita nem na Argentina, nem no Chile: pagamento para as famílias. Segundo, eu acho que o Plano Nacional de Direitos Humanos é muito importante. O presidente Fernando Henrique Cardoso é o primeiro presidente da história a reconhecer publicamente a discriminação racial no Brasil.
Correio — Mesmo assim os problemas com direitos humanos estão em evidência. Por quê?
Skidmore — É uma combinação de vários fatores, como a falta de treinamento da polícia. Segundo, os conflitos sociais. Os governos estaduais são muito fracos para lidar com isso. E além disso há a capacidade da elite brasileira de ignorar os problemas rurais.
Correio — Mas os sem-terra nunca tiveram um apoio tão grande da opinião pública quanto hoje.
Skidmore — O Movimento dos Sem Terra chegou a Brasília com quanto, uns 200? Eles aumentaram muita coisa aqui em Brasília. Quer dizer, a força política do movimento é importante, mas não é grande coisa. O Brasil tem capacidade de absorver esses movimentos.
Correio — A importância que parecem ter os sem-terra é inflada?
Skidmore — É inflada, não há outra história para contar. Não tem outra matéria para os jornais. Estou lendo todos os jornais, os sindicatos sumiram. O trabalhador urbano, onde está ele? Tem um vácuo que o MST está preenchendo. É um problema muito grave do campo. Não estou defendendo o sistema atual, estou falando de uma reforma nos termos que quer o MST. É difícil.
Correio — O que vai acontecer?
Skidmore — As pessoas vão invadir terras e viver lá. O governo está

deixando isso. É o banguê-banguê. É a solução da fronteira brasileira. Quem tiver mais armas vai ganhar.
Correio — A perspectiva, portanto, é de mais violência?
Skidmore — É, e pouca gente vai ligar, na minha opinião. O sistema político brasileiro está montado em termos completamente urbanos. O Brasil não tem uma tradição de política agrária. Veja o Getúlio Vargas, quando constituiu o Estado corporativista, deixou completamente de fora o setor rural. Chegamos ao governo Goulart, em 1963, quando foi regulamentada a lei dos sindicatos rurais. No sistema político brasileiro, a elite quase nunca ligou para o campo. Não estou dizendo que não tenha importância. Mas qual a força dos sem-terra no Congresso? Em 1988 a UDR esmagou qualquer tentativa de reforma agrária na Constituição. Esse pessoal hoje não está apavorado com 200 pessoas chegando a Brasília.
Correio — O MST vai desaparecer?
Skidmore — Não sei. O historiador acha que o futuro vai ser como o passado. Na maioria das vezes vai. Mas pode-se ter uma surpresa. A elite se abre para tratar do assunto. Uma tomada de consciência.
Correio — Há que se esperar mudança pelas elites? O mundo acadêmico norte-americano parece que não lê muito Marx.

‘AS PESSOAS VÃO INVADIR TERRAS PARA VIVER. O GOVERNO ESTÁ DEIXANDO. É O BANGUE-BANGUE. É A SOLUÇÃO DA FRONTEIRA BRASILEIRA. QUEM TIVER MAIS ARMAS VAI GANHAR’

Skidmore - Não existe mais o cangango que chegou para construir Brasília. Esse otimismo acabou. O brasileiro é muito cauteloso sobre seu país hoje. Tem vários sinais da falta de confiança, a emigração de brasileiros, para fora do país, que é um fato inédito na história do país.
Correio — Eles têm razão?
Skidmore — Acho que sim. A política econômica atual não vai ajudar muito o pessoal que está aqui embaixo.
Correio — E o nacionalismo, não existe mais?
Skidmore — Parece que não. Você entrava nas livrarias na década de 70 e encontrava livros da editora Vozes pregando a reforma agrária, atacando o capital estrangeiro. Hoje você encontra Paulo Coelho ou Como fazer um Milhão. Tudo é auto-estima.
Correio — Isso é bom ou ruim?
Skidmore — A meu ver tem problemas. Eu acho que precisa um certo sentimento nacionalista para construir a nação.
Correio — Mas o desinteresse pelo nacionalismo é um fenômeno mundial.
Skidmore — Tem razão. Mas deve haver o sentido de criar, deve haver um pouco de arrogância. O JK, o melhor presidente do século, em certo sentido era um homem arrogante, apostando contra as forças dominantes.
Correio — O Fernando Henrique não tem essa arrogância? Muitos de seus críticos dizem que tem.
Skidmore — Eu não acho. Ele tem um charme muito grande, é um patrimônio político dele. Mas essa outra coisa, de lançar um projeto para o país, ele não tem.
Correio — O senhor tem afirmado que o governo atual está tentando desmantelar o sistema getulista. Por que os militares não conseguiram fazer isso?
Skidmore — O fato é que o governo militar brasileiro trabalhava exatamente com o sistema getulista. Apesar da idéia de desmantelar esse sistema. O Roberto Campos achava que iria fazer isso. Não fez de jeito nenhum. O Delfim Netto trabalhava com tranquilidade com aquele sistema.
Correio — Os militares foram mais getulistas que o Jango?
Skidmore — Foram mais. O Jango tentou organizar as massas, os trabalhadores. Não é o que fez o Getúlio.
Correio — Houve críticas de que seu livro De Getúlio a Castelo deu pouca importância ao apoio do governo norte-americano ao movimento militar de 1964, que derrubou Jango.
Skidmore — Esse apoio de fato houve. Mas não foi determinante como pensava a esquerda brasileira, que menosprezou a capacidade da direita.